

ESCOLA DE SAMBA TROPICAL

2019



Presidente
David Jorge Silva Leite

**Blimundo é nós Força,
Um povo k ta snha e dá côr a realidade**



Carnavalescos
Eurico Ramos e David Leite

FICHA TÉCNICA ENREDO

Enredo: Blimundo é nós Força! Um povo k ta snha e dá côr a realidade!					
Carnavalesco: Eurico Ramos e David leite					
Autor(es) do Enredo: Eurico Ramos e David Leite					
Autor(es) Sinopse do Enredo: João Carlos Silva					
Roteiro do Desfile: David Leite					
Item	Livro	Autor	Editora	Ano Edição	Pag. Consultadas
1.	Blimundo	Leão Lopes			
2.	Blimundo, o maior boi do Mundo				
Outras informações julgadas importantes:					
Sobre Eurico Ramos					
Eurico Jorge Ramos, o popular Dex, como cenografista. Artista plástico, poeta, músico e compositor, Dex tem uma genialidade fora do comum e uma doçura humana, que transportas para o plano tridimensional se transformas em verdadeiras obras de arte. É dele a autoria de todas as peças gráficas do desfile; as alegorias, algumas das fantasias, etc.					

HISTÓRIO DO ENREDO

Blimundo é nós Força! Um povo k ta snha e dá côr a realidade!

Nascido no reconcâvo dos vales Santantonenses, o conto de Blimundo, é sobretudo uma história **CABOVERDIANA**, contada e recriada, ainda que com leves diferenças de detalhe, um por pouco todas as ilhas de montanhas e trapiche, onde a força do boi dava de ganhar ao Senhor da terra.

Blimundo era um boi imaginário, de força descomunal e elevada estatura, que se tornou símbolo de grandeza e imponência.

É comum, principalmente em Santo Antão, as pessoas referirem-se a algo grande como “um blimund”.

Mas mais do que grandeza física, o Blimundo simboliza a liberdade, a revolta, a vontade própria e a personalidade, de quem não se deixa subjugar pela opressão e tirania de quem pode mais.

O boi Blimundo é acima de tudo, a imagem do povo cabo verdiano; um povo que sofre mas que não se rende e que se recusa a baixar a cabeça, perante quem quer que seja. **Um enteado querido de uma Natureza Madrastra** que, apesar de inóspita, ainda assim lhe tem grande amor e que, por entre falta, carência, fome e adversidade, o moldou e o ensinou a vencer.

Blimundo fugiu para o interior da ilha e escondeu-se por entre os vales, montanhas e as ribeiras que os banhavam, vivendo uma vida plena de liberdade e contestando a escravidão a que eram submetidos os seus iguais, para servir os interesses de um homem, dono e senhor absoluto das terras, águas, regadios e trapiches, personificado pelo infâme Senhor Rei, que encarna no fundo a figura do antigo Morgado.

No dizer de **Leão Lopes** “o simbolismo de Blimundo teria vindo dos tempos de escravidão, em que eram os braços dos escravos o motor do trapiche, antes do cachado dos bois. Aliada à condição de escravos e atraídos pela imponência, proteção e cumplicidade dos quase inacessíveis picos que ladeam as ribeiras, a ensejada liberdade era cantada, até há pouco

durante as fainas de esmagamento de cana de açúcar, para o grogue e o mel. É também nessas cantigas, chamadas de “aboio”, que encontramos traços vivos de Blimundo, sua história e seu simbolismo.

“Blimundo é ainda a imagem do amor, da paixão, da poesia e do encanto das crianças.”

SINOPSE

Blimundo é nós Força! Um povo k ta snha e dá côr a realidade!

*Oh Blimund
Senhor Rei mendé-me bem 'shcóbe
Pa bô bé casá c'Véquinha d'Praia
Tim – Tim ne nhê cavéquim
Cóp – Cóp ne nhê prentém
Glú – Glú ne nhê bli d'ága*

Diz a sabedoria popular que o que não se ensina na escola, aprende-se em casa e que os mais velhos são os nossos primeiros professores. O verdadeiro conhecimento vem da ancestralidade.

Antes mesmo de, na Primavera da Vida, conhecermos as primeiras letras e com elas aprendermos a escrever o nosso nome, em casa passam-nos valores morais, ensinam-nos a respeitar para sermos respeitados e mostram-nos a diferença entre o certo e o errado. Muitas vezes a forma como todo esse legado nos é passado e como nos é dado a conhecer o Mundo é através das histórias, contos, lendas e fábulas que compõem o nossa identidade cultural e o nosso cancionero popular.

As nossas melhores noites foram aquelas que começaram com **“história, história, fortuna do Céu, Amén”**, seguidas das mais mirabolantes e rebuscadas expedições por um imaginário coletivo intemporal, que navega de geração em geração. E as histórias nunca são as mesmas. Vão se modificando aos poucos. O implacável Senhor do Universo, o Tempo, encarrega-se disso; ora soprando para a imensidão dos vales e montanhas das nossas ilhas, pequenos detalhes que rouba à memória dos contadores, ora indo às profundezas deste infinito mar azul que nos une, buscar novos pormenores, novos desfechos, ou um simples adorno que as embeleze, ou as torne mais assustadoras.

“Mas também há histórias nunca ouvidas, pois só certas pessoas, que não conhecemos, são capazes de falar com alguns animais, ouvir e trocar com eles segredos de aventuras e amizade, passearem por entre cascatas de água, pontes de ramagens de árvores sobre altos precipícios, caminhos do deserto que o não são, lugares onde ninguém andou”

João Nuno Alçada

O encanto maior dos contos de outrora é a capacidade que têm de, através do imaginário, nos explicarem a realidade, nos fazerem entender quem somos, de onde viemos e como nos devemos comportar.

I – O Desfile

Embuida desse espírito de partilha e ensinamento, a Majestosa Rainha da Noite, sua Majestade Escola de Samba Tropical, virá a terreiro com o seu maior, mais faustoso e certamente mais marcante cortejo, que dividido em dois grandes blocos, trará para a avenida:

- O Conto de Blimundo, e
- Uma viagem por Cabo Verde, pela nossa história, pela nossa cultura e pelas nossas gentes.

Na primeira parte do desfile, faremos um périplo até à nossa vizinha ilha das Montanhas, recriando no “feliz chão de um povo que canta” a mítica lenda de Blimundo. As alas terão o colorido dos vales e montanhas, ribeiras, meradas, campos floridos, rochas escarpadas de Santo Antão, por onde o personagem principal do enredo vivia, pleno de liberdade.

Neste primeiro bloco ilustraremos os valores culturais e morais que o Blimundo encerra; a liberdade por contraste com a escravidão (triste legado dos nossos ancestrais), a valentia, o amor e paixão, a determinação e o respeito pelos mais velhos.

É justamente o Respeito e Veneração aos Mais Velhos, que darão corpo ao grande destaque da primeira parte do nosso desfile, da Segunda Feira Mítica; A Nossa Velha Guarda.

Os nossos fundadores. Os Guardiões do Templo da nossa Sabedoria. As Raízes da Árvore frondosa das quais somos frutos de continuidade.

A história de Blimundo e outras histórias que marcaram a nossa cultura popular foram-nos contadas, ao fim e ao cabo, por essas mesmas pessoas que chegaram primeiro e viveram mais. Se ouvimos falar do boi, do Senhor Rei, do rapazinho com o seu bli d’aga, cavaquim e saquinho de prentém, foi da boca destas senhoras e senhores, portanto nada mais justo e simbólico do que serem eles a abrir o cortejo. São eles os portadores da sabedoria e são eles que irão abrir o grande livro do desfile.

A segunda parte do desfile é uma ponte entre a imagem do boi Blimundo refletida no povo Cabo Verdiano e a nossa história contemporânea; as agruras duma Natureza mais madrastra do que mãe, a busca pelo sustento fora do país, o mar que é a nossa maior riqueza, a cultura e tradição.

O desfile será suportado por uma alegoria, duma majestade e sumptuosidade jamais vistas em São Vicente. Um carro alegórico que entrará por si só para os anais do Carnaval mindelense.

Uma das grandes novidades da Escola de Samba Tropical para o Carnaval e 2019 é a introdução do fenomenal Eurico Jorge Ramos, o popular Dex, como cenografista. Artista plástico, poeta, músico e compositor, Dex tem uma genialidade fora do comum e uma doçura humana, que transportas para o plano tridimensional se transformas em verdadeiras obras de arte. É dele a autoria de todas as peças gráficas do desfile; as alegorias, algumas das fantasias, etc.

Se das mãos de Dex saem o corpo e a alma do desfile, será a batuta do jovem Mestre Cabol a reger o coração da Escola de Samba; a Bateria Majestosa. É lá que é marcado nosso o ritmo e nosso o pulsar. Discípulo e herdeiro musical do lendário Mick Lima, o irreverente Cabol é uma feliz mistura do moderno e do tradicional. Criativo e inovador, mantém o respeito pela tradição e por tudo aquilo que dá sustentabilidade ao ponto central de todo o cortejo; a Ala Ritmica.

II – O Hino

Novamente a cargo de Jotacê & Anísio Rodrigues, o samba enredo para 2019 é um périplo pelo cancionero geral de Cabo Verde, através duma das mais populares fábulas do nosso imaginário cultural. Começar a música, navegando na tradição, mergulhando no mar da imaginação é uma alusão ao facto de sermos um arquipélago, onde o mar é soberano.

Mergulhamos profundamente até chegar à raiz da nossa identidade. O samba é uma viagem pelo lado mágico e mítico do nosso país. A referência à escola, é a ovação que normalmente integra o estribilho do samba-enredo (não poderia faltar).

Na segunda estrófe entramos no tema propriamente dito e, tratando-se duma fábula, a ideia é replicar na avenida o contar tradicional das nossas histórias. Nobreza, majestade e força da

natureza são formas de caracterizar o Blimundo, sem mencionar o nome dele. Nunca se rendeu à tirania do opressor e nunca deixou de lutar contra a adversidade, por aquilo que defendia, à imagem do povo Cabo Verdiano (daí o paralelismo).

Complementando a estrófe anterior, seguem-se as referências à força bruta e ao chicote que nunca o dominaram (nem soldados, nem valentões, nem Sr. Rei puderam capturá-lo). Sempre foi senhor da sua vontade e sempre viveu nas montanhas e vales, correndo livre, em felicidade. Esta referência serve para levantar o tom da música, para que cresça em animação e chegue forte e alegre ao refrão, fazendo dele uma apoteóse. A segunda parte da estrófe retrata metaforicamente a forma como o menino convenceu o ir para o palácio, pois iria casar com o seu amor.

O refrão inicial remete à canção que o menino canta para convencer o Blimundo a ir com ele para o palácio. Como é uma canção que todos conhecem, enriquece o refrão e faz com que todos se identifiquem mais facilmente com o tema. Deve ser cantado no tom tradicional da música, mas num ritmo mais acelerado.

Os trocadilhos são para ligar o conto em si ao enredo de Carnaval.

O **Pulá Largód** é uma forma de aproveitar a expressão de gíria popular Largód, que atualmente anda muito em voga. Acrescenta uma dose de irreverência e malícia carnavalescas à música, um pouco na linha do Cinturão Tem Mêl no Tchon Sagród.

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Carnaval também é Cultura, Carnaval também é Educação. Com a internacionalização cada vez maior do Carnaval de São Vicente, há um número crescente de turistas e de gente de outras paragens que visitam a nossa ilha. Cabe-nos a importante responsabilidade de lhes dar um pouco de Cabo Verde para levarem com eles, para além da melanina que o nosso tímido Sol de Inverno ainda consegue transmitir, dos souvenirs que compram pela cidade e de toda a sabura que passam nesses “três dia d’loucura”, como escreveu um dia Pedro Rodrigues, eternizado pela voz da nossa grande Diva dos Pés Descalços, cuja personalidade forte, tinha muito daquilo que caracteriza o Blimundo.

PLANO DO DESFILE

SETOR 01 - Água

COMISSÃO DE FRENTE

MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA – Água

VELHA GUARDA – Contadeiras de História

DIREÇÃO DA ESCOLA - Realeza

SETOR 02 – Água

ALA ESPANADER de R'bera da Torre

ALA BLI D'AGA

ALA NOIVA DO CAMPO

ALA PRINCESA BOBA

ALA PRINCESA BOBA

MUSSINS DE LADERA E CUDIZINHAS

CARRO ALEGÓRICO

FORÇA DE NATUREZA

SETOR 03 - Natureza

ALA FLORES DE BLIMUND

ALA GIRASOL

ALA MUNDO

ALA INHAME DE R'BERA

ALA LITORAL INSOLAR

ALA BLIMUNDO NA SE MUNDO

ALA BORBOLETAS ILUMINADAS

Sequencia de Alas	Cores	Responsável	Figuras de Destaque
COMISSÃO DE FRENTE	Prata e azul água		
MS /PB	Água		
VELHA GUARDA	verde e branco		Presidentes das Camaras de Santo Antão
DIREÇÃO	Verde e dourado		
			Lara Marques, Artur, Lili
ALA ESPANADER de R'bera da Torre	Azul água e prata	Vera	
			Vanessa, Máira, Claudia
ALA BLI D'ÁGA	Azul água e Prata	Katia	
			António, Helida Matos e Dulce Matias
ALA NOIVA DO CAMPO	Branco e Prata	Ivone	
			Fatima Rosário, José Rosário, Boi
ALA PRICESA BOBA	Prata, azul e vermeho	Aurizanda	
			Dandira veiga (Miss West África) e Ana Gomes
Mussins de Ladera e Codizinhas			
CARRO ALEGÓRICO CABO VERDE – UMA EPOPEIA ALEGÓRICA			
FORÇA DE NATUREZA	Cores natureza		Irina, Marly
CARRO DE SOM			
RAINHA DE BATERIA	Azul claro e escuro		
BATERIA			
PASSISTAS	Dourado e amarelo	Aleida Oliveira	
			Gil Costa, Hermes
FLORES DE BLIMUNDO	Cores de flores	Karine	
			Xana, Cindy,
GIRASOL	Amarelo e verde	Energia	
			Elsa Ramos e Carlos Rocha
MUNDO	Verde e dourado	Tchind	
			Fredy, Maysa e Marco Aquino
ALA INHAME DE RBERA	Várias tonalidades de verde	Lutcha	
			Vera Spencer e Irene Ferreira, Joia
ALA LITORAL INSULAR	Amarelo e vermelho	Leila	
ALA BLIMUND NA SE MUND	Azul e prata	Paulo, Mário Nice	
			Bruna Novais, Albertina Ferreira e Nadine
ALA BORBOLETAS ILUMINADAS	Verde	Zenaida	

FICHA TÉCNICA ALEGORIAS

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Eurico Ramos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
1	Trepiche – Tripé Comissão de Frente	<p>O simbolismo desta alegoria transcende largamente o simples engenho de produção de calda de cana de açúcar, onde primeiro homens escravizados e posteriormente bois adestrados, faziam girar a roda, moendo a cana.</p> <p>Resiliência, inconformismo, revolta e soberania espiritual são os valores que norteiam o bailado da comissão de frente, em torno de um trapiche que simboliza simultaneamente a opressão e a luta de um povo heroico que nunca aceitou o jugo. É o ponto a partir do qual e contra o qual, o Boi Blimund, no fundo o povo destas ilhas, se rebelou.</p> <p>A plasticidade da dança e o seu lado lúdico exaltam o amor que o Boi Blimund tinha pela liberdade, pelo amor, pela natureza, pelas coisas bonitas. É uma ode ao seu espírito criativo e a toda a sensibilidade artística que caracteriza os inconformados da natureza.</p>
2	CABO VERDE – UMA EPOPEIA ALEGÓRICA	<p>O andor central do desfile é uma portentosa e epopeica representação alegórica do nosso país. É Cabo Verde sobre roda e em movimento, brilhando na Rua de Lisboa e demais ruas do périplo Carnavalesco Mindelense.</p> <p>Tal como o Blimund é uma fábula que versa sobre Cabo Verde em toda a sua essência, o andor levamos a uma viagem pelas ilhas do arquipélago.</p> <p>A base do andor é uma sobreposição de todas as ilhas. A ideia de sobrepô-las visa no fundo retratar a miscigenação que existe dentro do próprio país, onde todos nós temos um pouco de cada ilha em nós.</p> <p>O mar faz parte do caboverdiano e é a partir dele que representamos cada uma das ilhas, na figura de um caranguejo. De Santo Antão à Brava, cada um dos dez caranguejos encerra em si as montanhas, vales, flores, dunas, vulcões, dragoeiros, cagarras,</p>

		<p>cabras e baías do nosso encantamento.</p> <p>Somos um povo moldado pela adversidade de uma natureza inóspita mas fértil ao mesmo tempo. Somos as flores das encostas escarpadas, das rochas secas, do barro castanho das nossas montanhas. As caras que brotam das rochas são uma representação de nós mesmos. Simbolizam a resistência, a capacidade de lutar e o carácter estóico do nosso povo.</p> <p>O andar coloca Cabo Verde a girar em torno dum epicentro localizado no Vale de Ribeira da Torre, trazendo para o reconcâvo santantonense a irreverência e o sentido de justiça dos rabelados santiaguenses, a dolência melódica dos trabalhadores rurais de São Nicolau, ou a serenidade pachorrenta do pescador da Boa Vista.</p> <p>A alusão aos tempos de escravatura é a ponte entre o Blimund humano, o escravo que originalmente operava o trapiche, e o Boi Blimund que o veio substituir, com o decorrer do tempo.</p> <p>Outro ponto de destaque é o casamento entre o rural e o urbano, entre a essência natural e a eclosão cultural do nosso Cabo Verde. O Palácio do Povo, a Torre de Belém, a publicação original da revista Claridade, simbolizando o movimento Claridoso, o expoente máximo da cultura mindelense, estão presentes no andar, trazendo para o centro do desfile o próprio palco no qual desfilaremos. Trará a Rua de Lisboa para a Rua de Lisboa.</p>
--	--	---

Local de Estaleiro

Ex. Fábrica Confeções Porto Grande – Alto Morabeza – Cidade do Mindelo – São Vicente

Responsável de Estaleiro

Eduardo Alinho

Ferreiro Chefe de Equipa

Hermes Fortes

Carpinteiro Chefe de Equipa

Américo Gpnçalves

Escultor Chefe de Equipa

Eurico Ramos

Pintor Chefe de Equipa

Nilton Lima

Eletricista Chefe de Equipa

Nelson Pires

Mecânico Chefe de Equipa

Hermes Fortes

Outros Profissionais e Respectivas Funções

Eurico Ramos	- Designer
Anayka Bettencourt	- Designer Gráfico
David Leite	- Projetista
Eduardo Alinho	- Logística

**FICHA TÉCNICA
FANTASIAS**

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas) Eurico Ramos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DAS ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável Ala

Local Atelier - Rua Ex Fabrica Confecções Porto Grande - Rua - Rua	
Diretor (a) Responsável de Atelier - Fátima Spencer	
Costureiros(as) Atelier Di Body Milú Torres Fátima Spencer Alfaiate Nhonhas	Chapeleiros(as) Jorge do Rosário
Aderecistas Eurico Ramos	Sapateiros Jorge Fortes
Outros Profissionais e Respectivas Funções Mercelino Fortes - Montagem e composições David Leite - Projetista Eurico Ramos - Projetista Emmet Ramos - Montagem e composição Aly Ramos - Montagem e composiçãoo	
Outras Informações julgadas importantes	

Autor(es) Samba Enredo
- João Carlos Silva (Jotacê) e Anisio Rodrigues

Samba Enredo

PULÁ LARGÓD

**NÔ BEM NAVEGÁ NA NÔS TRADIÇÃO
MERGULHÁ NA MAR D'NÔS IMAGINAÇÃO
CONCHÊ NÔS RAÍZ, NÔS IDENTIDADE
COLORI NÔS REALIDADE
BEM VIAJÁ MÁ SAMBA TROPICAL
DESCOBRI MAGIA DE NÔS TERRA NATAL**

**BEM VIAJÁ MÁ SAMBA TROPICAL
DESCOBRI MAGIA DE NÔS TERRA NATAL**

HISTÓRIA, HISTÓRIA, FORTUNA DO CÉU, AMÉN
NA SÊ NOBREZA, NA SÊ MAJESTADE
UM FORÇA DE NATUREZA LUTÁ DIA-A-DIA
CONTRA TIRANIA, PA SÊ LIBERDADE
NUNCA ÊS PÔL PÊ NA CATCHACIM
NUNCA ÊL TCHÁ, NUNCA ÊL PERMITI
IMAGEM DUM PÔV SOFRID
MÁ QUE CA TA RENDÊ, CA TA DESISTI

FORÇA BRUTA NUNCA DOMINAL
PONTA DE CHICOTE NUNCA DOBRÊGAL
SEMPRE ÊL FUI SENHOR DE SÊ VONTADE
C'BRÓCE ABERT PA FELICIDADE
NA PUREZA DUM MELODIA
ILUMINÓD PA TUD ESTRELA NA CÊU
ÊL TCHÁ DOCURA D'INOCENCIA
MOSTRAL CAMIM PA SÊ CRÊTCHEU

**OH BLIMUND, SR. REI MANDÁME BEM BSCÓB
PÁ BEM BRINCÁ NÊSS CARNAVAL
TLIM TLIM NA NHA CAVAQUIM
TUC TUC NA NHA TAMBORIM**

**DANÇÁ NA RUA D'MORADA, PULÁ LARGÓD TÊ MADRUGADA
DANÇÁ NA RUA D'MORADA, PULÁ LARGÓD NÊSS BATUCADA**

Defesa do Samba Enredo

PULÁ LARGÓD

O título remete para o refrão. Torna a música mais fácil de fixar, pois gera uma associação imediata. A rigor, um samba enredo não tem título; assume o título do enredo em si, mas assim facilita a aceitação pelo público.

<p>NÔ BEM NAVEGÁ NA NÔS TRADIÇÃO MERGULHÁ NA MAR D'NÔS IMAGINAÇÃO CONCHÊ NÔS RAÍZ, NÔS IDENTIDADE COLORI NÔS REALIDADE BEM VIAJÁ MÁ SAMBA TROPICAL DESCOBRI MAGIA DE NÔS TERRA NATAL</p> <p>BEM VIAJÁ MÁ SAMBA TROPICAL DESCOBRI MAGIA DE NÔS TERRA NATAL</p>	<p>O enredo é um périplo pelo cancionero geral de Cabo Verde, através duma das mais populares fábulas do nosso imaginário cultural. Começar a música, navegando na tradição, mergulhando no mar da imaginação é uma alusão ao facto de sermos um arquipélago, onde o mar é soberano. Mergulhamos profundamente até chegar à raiz da nossa identidade. O samba é uma viagem pelo lado mágico e mítico do nosso país. A referência à escola, é a ovação que normalmente integra o estribilho do samba-enredo (não poderia faltar).</p>
<p>HISTÓRIA, HISTÓRIA, FORTUNA DO CÉU, AMÉN NA SÊ NOBREZA, NA SÊ MAJESTADE UM FORÇA DE NATUREZA LUTÁ DIA-A-DIA CONTRA TIRANIA, PA SÊ LIBERDADE NUNCA ÊS PÔL PÊ NA CATCHACIM NUNCA ÊL TCHÁ, NUNCA ÊL PERMITI IMAGEM DUM PÔV SOFRID MÁ QUE CA TA RENDÊ, CA TA DESISTI</p>	<p>Nesta estrófe entramos no tema propriamente dito e, tratando-se duma fábula, a ideia é replicar na avenida o contar tradicional das nossas histórias. Talvez a velha guarda, simbolizando a sabedoria e a tradição, pudesse abrir o desfile logo após a comissão de frente. Seriam os nossos contadores e contadoras de histórias. Nobreza, majestade e força da natureza são formas de caracterizar o Blimundo, sem mencionar o nome dele. Nunca se rendeu à tirania do opressor e nunca deixou de lutar contra a adversidade, por aquilo que defendia, à imagem do povo Cabo Verdiano (daí o paralelismo).</p>
<p>FORÇA BRUTA NUNCA DOMINAL PONTA DE CHICOTE NUNCA DOBRÊGAL SEMPRE ÊL FUI SENHOR DE SÊ VONTADE C'BRÓCE ABERT PA FELICIDADE NA PUREZA DUM MELODIA ILUMINÓD PA TUD ESTRELA NA CÉU ÊL TCHÁ DOCURA D'INOCENCIA MOSTRAL CAMIM PA SÊ CRÉTCHEU</p>	<p>Complementando a estrófe anterior, as referências à força bruta e ao chicote que nunca o dominaram (nem soldados, nem valentões, nem Sr. Rei puderam capturá-lo). Sempre foi senhor da sua vontade e sempre viveu nas montanhas e vales, correndo livre, em felicidade. Esta referência serve para levantar o tom da música, para que cresça em animação e chegue forte e alegre ao refrão, fazendo dele uma apoteóse. A segunda parte da estrófe retrata metaforicamente a forma como o menino convenceu o ir para o palácio, pois iria casar com o seu amor.</p>

<p>OH BLIMUND, SR. REI MANDÁME BEM BSCÓB PÁ BEM BRINCÁ NÊSS CARNAVAL TLIM TLIM NA NHA CAVAQUIM TUC TUC NA NHA TAMBORIM</p> <p>DANÇÁ NA RUA D'MORADA, PULÁ LARGÓD TÊ MADRUGADA DANÇÁ NA RUA D'MORADA, PULÁ LARGÓD NÊSS BATUCADA</p>	<p>O refrão inicial remete à canção que o menino canta para convencer o Blimundo a ir com ele para o palácio. Como é uma canção que todos conhecem, enriquece o refrão e faz com que todos o decorrem mais facilmente. Deve ser cantado no tom tradicional da música, mas num ritmo mais acelerado. Os trocadilhos são para ligar o conto em si ao enredo de Carnaval. O Pulá Largód é uma forma de aproveitar a expressão de gíria popular Largód, que atualmente anda muito em voga. Acrescenta uma dose de irreverência e malícia carnavalescas à música, um pouco na linha do Cinturão Tem Mêl no Tchon Sagród.</p>
--	---

FICHA TÉCNICA BATERIA

Diretor Geral de Bateria Cabol Gomes				
Outros Diretores de Bateria				
Total de Componentes de Bateria 80 (oitenta) componentes				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 9	2ª Marcação 9	3ª Marcação 3	Caixa 18	Repinique 14
Tamborim 22	Chocalho 11	Agôgô 0	Cuíca 0	
Outras informações Importantes				

FICHA TÉCNICA HARMONIA

Diretor Geral de Harmonia Marco Morazzo
Outros Directores de Harmonia Jason Mascarenhas
Total de Componentes da Direção de Harmonia 30 (trinta) componentes
Puxador do Samba Enredo Anísio Rodrigues
Instrumentistas Acompanhantes do Samba Enredo Hermes – Baixo Ivone – voz
Outras Informações Importantes Apoiadores do Intérprete do Samba-Enredo: Macky Morazzo, Ivone

FICHA TÉCNICA EVOLUÇÃO

Diretor Geral de Evolução Marco Morazzo
Outros Directores de Evolução Jason Mascarenhas
Total de Componentes da Direção de Evolução 30 (trinta) componentes
Principais Passistas Femininos Aleida Oliveira,
Principais Passistas Masculinos
Outras Informações Importantes Os componentes da Harmonia também exercem as funções da Evolução. Diretora Geral da Ala de Passistas: Aleida oliveira Outra Diretora da Ala de Passistas: - Rainha da Ala de Passistas:

FICHA TÉCNICA INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Diretor do Carnaval David Leite		
Vice-Diretor de Carnaval João Carlos Silva		
Outros Diretores de Carnaval Eduardo Alinho Fátima Spencer		
Responsável pela Velha-Guarda Oriza Lucas		
Total de Componentes V. Guarda 12 (doze) componentes	Componente mais Idoso Oriza Lucas 82 (oitenta e dois) anos	Componente mais Jovem
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Presidente da Camara de Ribeira Santo Antão Presidente da Camara Municipal do Paúl Presidente da Camara Municipal de Porto Novo Dandira Veiga – Miss West África CDEAO		
Outras Informações Importantes		

**FICHA TÉCNICA
COMISSÃO DE FRENTE**

Responsável pela Comissão de Frente António Tavares		
Coreógrafo(a) e diretor(a) António Tavares		
Bailarinos Grupo Salsa Mais		
Total de Componentes 15 (quinze) componentes	Componentes Femininos 07 (sete) componentes	Componentes Masculinos 06 (seis) componentes
Outras Informações Importantes Descrição Comissão de frente ...		

**FICHA TÉCNICA
MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA**

Mestre Sala Sérgio Spencer	Idade 34 (trinta e quatro) anos
Profissão Estudante de Arquitetura	
Porta Bandeira Cintya Spencer	Idade 28 (vinte e oito) anos
Profissão Fisioterapeuta	
O Casal mestre-sala e porta-bandeira são irmãos	

**FICHA TÉCNICA
RAINHA DE BATERIA**

Rainha de Bateria Josiane Monteiro	Idade 19 (dezanove) anos
Profissão Estudante 12º Ano Jorge Barbosa	
Rainha de Bateria	